

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.1301201847-57>

## POÉTICA DA REPÚBLICA DE CURITIBA, “LARANJA AZEDA”, “SABUGO ESTÉRIL”, “VERGONHA ETERNA”: DALTON TREVISAN MEIA-OITO\*

Jorge H. Wolff\*\*

**Resumo:** A partir da expressão “República de Curitiba”, forjada por Luís Inácio Lula da Silva, preso desde abril na cidade e personagem deste ensaio, propõe-se uma reflexão em torno da relação literatura-política com base na obra do escritor Dalton Trevisan, que em 1968 publicou dois livros em um (*Desastres do amor e Mistérios de Curitiba*) pela editora Civilização Brasileira de Ênio Silveira. Tomando como principal objeto o texto em tom bíblico profano dedicado à destruição da cidade que abre o segundo livro, “*Lamentações de Curitiba*”, postula-se uma relação entre as espadas desembainhadas nas “*Lamentações*” e durante as passeatas do movimento estudantil há cinquenta anos no Rio de Janeiro, com forte adesão da classe intelectual, que provocariam o endurecimento do regime militar instalado no poder desde 1964. Os relatos de Dalton Trevisan são vistos da perspectiva das escrituras do desastre segundo Blanchot e da poesia como vida-morte segundo Bataille, juntamente com a fusão de prosa e poesia que se pode ler em Waldman e Agamben.

**Palavras-chave:** Dalton Trevisan. Curitiba. Luís Inácio Lula da Silva. Literatura. Política.

*E quem não se achava inscrito no livro da vida  
foi também lançado no lago de fogo.  
Apocalipse 20*

*A calma, a queimadura do holocausto,  
o aniquilamento do meio dia – a calma do desastre.  
Maurice Blanchot*

### 1. MISTÉRIOS

A República de Curitiba é uma expressão metafórica e polêmica que no entanto condensa em seus dois polos um estado-de-coisas cultural, político e social próprio do Brasil contemporâneo. Na versão corrente sobre a expressão, ela teria sido fruto de um telefonema entre o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva e a ex-presidenta Dilma Rousseff grampeado pela Polícia Federal: Lula teria se referido desse modo – “a República de Curitiba” – à cidade do sul do país em que um certo juiz da 13ª vara criminal federal expede juízos e sentenças em cascata através da chamada “Operação Lava-jato”, com alcance nacional e forte impacto midiático, que estaria dedicada exclusivamente ao

\* Este texto é um dos desdobramentos da pesquisa de pós-doutoramento intitulada “Poetas de lábios fesceninos: Dalton Trevisan com Paulo Leminski”, realizada entre março de 2017 e março de 2018 na Universidade de São Paulo, sob a supervisão da Profa. Dra. Eliane Robert Moraes.

\*\* Professor adjunto de Literatura Brasileira da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: [jocawolff@hotmail.com](mailto:jocawolff@hotmail.com).

combate à corrupção. Mas demos logo nome aos bois: a operação é capitaneada pelo juiz Moro, magistrado que é integrante, por sinal, de tradicional família curitibana. Trato pois de reivindicar uma terceira margem do rio neste escrito: a tal república provinciana – que é hoje um dos barris de pólvora da polarização ideológica nacional em função da prisão de Lula no próprio edifício que autorizou construir em 2002, no início de seu primeiro mandato como o primeiro presidente-operário do Brasil –, a famosa “República de Curitiba” é vista neste trabalho sob a forma das lamentações, admoestações e imprecações apocalípticas, ao estilo do Apocalipse bíblico, pelo mais ilustre e maldito, ou pelo mais notório e temido, ou ainda pelo mais respeitado e desconhecido escritor da cidade, Dalton Trevisan. São os *mistérios de Curitiba*, conforme o título do livro aberto pelas fúnebres “lamentações” – que tomamos a liberdade de dedicar aqui ao mais famoso justiceiro miliciano federal em atividade no Poder Judiciário no momento, contrerrâneo tanto do “vampiro do Alto da XV” (na região central da cidade), o recluso e ainda ativo, aos 93 anos, Dalton Trevisan, quanto do “kami-quase da Cruz do Pilarzinho” (na região noroeste de Curitiba), o expansivo e já falecido Paulo Leminski (1944-1989).

No caso do escritor curitibano, demasiado curitibano que nos ocupa, nascido em 1925 e também oriundo de família abastada da cidade, ele integrou a geração de artistas do pós-guerra no país, vale dizer, foi participante ativo e combativo do mundo capitalista pós-nazismo e do Brasil getulista e logo desenvolvimentista. No imediato pós-guerra dirigiu a revista *Joaquim*, com 21 edições entre abril de 1946 e novembro de 1948, cujo título drummondiano remetia ao mais comum entre os mais comuns dos seres humanos – o seu legendário José – e cujo lema era stendhaliano: “Elle n’a rien à continuer cette génération, elle a tout à créer”<sup>1</sup>. Era a fundação de uma poética paranaense anti-simbolista e anti-paranista (o paranismo como a arte acadêmica no pior sentido da expressão), a proposta de um começo desde zero em relação à vaga modernizante e vanguardista no país que chega apenas naquele momento ao estado do Paraná sob a forma de simultânea crítica e adesão às pautas rupturistas do modernismo brasileiro de 1922. Caráter fundacional este várias vezes manifestado nas páginas da *Joaquim*.

No entanto, o escritor só apareceria de fato como figura de proa do universo da literatura e da cultura brasileiras na década de 1960, cujo autoritarismo se impõe em abril de 1964 e experimenta tenebrosa inflexão ditatorial no final de 1968. Entre 1959 – quando Dalton Trevisan estreia oficialmente com as *Novelas nada exemplares* – e 1968, houve a frustração e a espera diante do descaso com o primeiro livro, mal visto por exemplo pelo crítico Otto Maria Carpeaux<sup>2</sup>; a publicação reparadora de *Cemitério de elefantes* cinco

<sup>1</sup> Em carta de 20 de junho de 1959 ao amigo Carlos Castelo Branco (disponível no arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa), o escritor acrescentaria outra citação em francês com força de lema, desta vez atribuída a Tchekhov: “Je m’apprête à écrire d’une manière sensée sur la fornication et les moeurs dépravés”. Carta esta que se inicia assim: “Meu caro Castello, doença na família e a própria saúde precária não deixaram que escrevesse a minha obra-prima – como não foi escrita seria por certo uma obra-prima”. Observe-se que Castelinho (como era conhecido), que se tornaria protagonista do jornalismo e da história política brasileira dos anos 60 e 70, havia sido um dos mentores intelectuais de Dalton Trevisan na década anterior, como atesta a correspondência entre ambos.

<sup>2</sup> Imigrante de origem austríaca que chega ao país durante a Segunda Guerra Mundial, Otto Maria Carpeaux (1900-1978) colabora de início com *Joaquim* mas entra logo em conflito com o grupo da revista. No final dos anos 60, o veterano crítico apoiaria e participaria ativamente dos movimentos da juventude estudantil, ao lado de queridos amigos de Dalton Trevisan como Hélio Pellegrino e Joaquim Pedro de Andrade, entre

anos depois da estreia, desatando em série e rapidamente a avalanche de relatos de *Morte na praça* no mesmo ano e *O vampiro de Curitiba*, com seu mito de autor embutido, em 1965, chegando em 68 aos *Desastres do amor/Mistérios de Curitiba*, em publicação dois-em-um da editora Civilização Brasileira, para fechar a década com nada menos que *Guerra conjugal* (1969) – que vai justamente dar título ao filme do diretor Joaquim Pedro de Andrade seis anos depois. Coincidência nominalista ou não, poderíamos dizer que sua trajetória de intelectual público atuante vai da revista *Joaquim* ao cineasta Joaquim, que mesmo sob os anos de chumbo seguiu trabalhando para realizar, como realizou, a obra-prima do *kitsch* e do escárnio que é o filme *Guerra conjugal* (1975)<sup>3</sup>. De modo que seus interlocutores eram sobretudo intelectuais originários do estado de Minas Gerais, como Carlos Drummond de Andrade, Hélio Pellegrino, Otto Lara Resende, Pedro Nava e Carlos Castelo Branco (este um integrante do grupo mineiro nascido no Piauí), cujo interesse soube atrair com sua revista “dedicada a todos os Joaquims do Brasil”, que renovou as artes da província e o gosto de seu público leitor, com ênfase para as artes plásticas e a literatura e a partir de condições oferecidas pelo financiamento familiar, através da empresa de louças e vidros Trevisan, e de outros colaboradores privados, sempre em forma de vistosos anúncios publicitários.

A partir do segundo livro, *Cemitério de elefantes*, a consagração, ou isso a que chamamos “a consagração”, foi-lhe inevitável, muito apesar da absoluta insistência nos temas bíblico-machadiano-rodrigueanos, ou seja, seus temas eram – e seguem sendo – frequentemente grotescos, monstruosos, hiperbólicos e desagradáveis. Além disso, tratavam-se e tratam-se de relatos da ordem do costumeira e zelosamente recalcado em forma narrativa desde o início despojada e desde sempre vazada por um estranho lirismo, cuja elevação ao absurdo em termos de supressão de vocábulos com o passar do tempo daria margem ao surgimento de um outro escritor, o de tesouras sempre afiadas em mãos. Junto com elas, incontornáveis, o escritor lança mão das colagens intra e extratextuais, resultando em montagens que vão marcar os seus livros dos anos 1970 em diante. Quer dizer, além de reescrever condensando os seus textos, ele passa a esquartejá-los para novas e heteróclitas misturas.

Mas era ainda um Dalton Trevisan Meia-Oito aquele do início dos 60, um Dalton jovem, digamos, um “Dalton Joaquim”, anacrônico, obscuro e persistente porta-voz do desrecalcamento provinciano paranista generalizado, visto dentro e fora de sua cela, ainda distante do escritor internacionalmente aclamado – com o Nobel da língua portuguesa, o Prêmio Camões, em 2015 – e daquele que vai se tornar à sua revelia objeto mítico-mercadológico através, por exemplo, da refinada marca de café “A Polaquinha”. Tomado em conjunto, dos primeiros poemas obtusos aos últimos haicais e ministórias, no entanto, suas verdadeiras escrituras do desastre, em forma de ruínas da tradição artística e literária,

---

tantos outros, como se pode verificar em *1968, o ano que não terminou*, de Zuenir Ventura. Quanto a Dalton, salvo engano, ele manteve o seu silêncio de pedra na ocasião das marchas estudantis, mas atuava sem dúvida na mesma direção contestadora, tendo os interlocutores e os editores que tinha: seus livros eram publicados pela mais ativa editora de esquerda do país, a Civilização Brasileira de Ênio Silveira, outro amigo e destacado militante contrário à ditadura cívico-militar.

<sup>3</sup> Peço licença para remeter aqui ao texto “Falar cafejeste”, publicado na revista *Letras* de Curitiba em 2010, em que relaciono o poeta Manuel Bandeira com Dalton Trevisan e Joaquim Pedro de Andrade. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/25090>.

apontam para a memória do mundo, do país e da cidade (da sua cidade e das cidades de modo geral), em uma palavra, apontam para a imaginação social de 1968, no que se refere ao recorte proposto aqui. E valeria incluir neste pacote a circunstância histórica do ápice da pornochanchada, a mais produtiva indústria cinematográfica nacional do mesmo período, que coincidiria por sua vez com a popularização da televisão, ambas avalizadas e cooptadas pela ditadura cívico-militar, assim como vale incluir também a sua problematização no futuro filme de Joaquim Pedro em parceria com Dalton Trevisan, imediatamente depois do grande impacto das películas do mesmo diretor *Macunaíma* (1969) e *Os Inconfidentes* (1972) no meio artístico e cinematográfico internacional<sup>4</sup>.

## 2. LAMENTAÇÕES

Profanador contumaz, portanto, da Bíblia Sagrada e da República de Curitiba, transformada em monumento *kitsch* ao *kitsch*, Dalton Trevisan vive desde sempre estoicamente em uma cela de monge (“há que de anos?”, seria preciso perguntar) na rua Ubaldino do Amaral, no bairro Alto da XV, perto do Teatro Guaíra, da Universidade Federal do Paraná, da Livraria do Chaim, do Museu Guido Viaro e também das ruas Schiller e Machado de Assis. Sua cela não fica, portanto, muito distante daquela em que o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva se encontra encerrado (“há que de dias?”, poder-se-ia indagar). Ali Dalton Trevisan escreve e reescreve sem descanso as suas cartas, os seus relatos, as suas bênçãos e as suas maldições – sendo as bênçãos dedicadas aos bichos-bichos; aos bichos humanos invariavelmente reserva toda a maldição de que é capaz a sua velha ira santa. Pastiche do profeta Jeremias, o Apocalipse segundo Dalton Trevisan leva então o religioso título de “Lamentações de Curitiba”. Chama a atenção e incomoda – como ocorre aqui mesmo e agora, no momento de escrevê-lo, a onipresença do nome da capital paranaense, várias vezes repetida no texto –, palavra cuja origem significaria na língua guarani “lugar de pinhas”, “lugar de pinheiros”, “lugar de pinhões”.

São, assim, tais bíblicas e estrepitosas lamentações que gostaria de evocar, e de reproduzir em alto-falante, se possível fosse, no próprio entorno do edifício da Polícia Federal, inaugurado em 2007 no bairro Santa Cândida, região nordeste da República de Curitiba, onde Lula se encontra preso, rodeado por casas e edifícios de classe média e, desde a efetivação de sua prisão no dia 7 de abril deste ano, também pelo acampamento de centenas de militantes que o apoiam com atividades culturais e políticas diárias: está lá feito um Jesus antes de Cristo, ou seja, aquele Jesus linguístico-político de carne e osso, criado por Leminski em seu ensaio biográfico *Jesus a.C.*, já que mandou construir o próprio cárcere e a própria cruz, dando margem ao retorno do mito da ressurreição de Cristo e do próprio Jesus depois de Cristo, ao ser martirizado e sobreviver feito um morto-vivo – morto para a política, para as eleições presidenciais de outubro próximo, conforme a bem-sucedida estratégia de seus adversários, já que aparece em primeiro lugar em

---

<sup>4</sup> Ambas igualmente oriundas de marcos da literatura brasileira, o romance rapsódico-antropofágico de Mário de Andrade, publicado em 1928, e o episódio da Inconfidência Mineira, quando no final do século XVIII um grupo de poetas e revolucionários foram massacrados por lutarem pela independência do império português.

qualquer pesquisa eleitoral –, permanecendo assim morto para o processo eleitoral mas vivo para a eternidade da história política nacional, para o bem e para o mal.

Seria esta, ou ao menos parte desta, a “vergonha eterna” que Dalton Trevisan atribuiu à sua cidade nas “Lamentações”? Seria este o “sabugo estéril” em que, segundo ele, ela se transformou? Trata-se, como não poderia deixar de ser, da modernização conservadora e da sociedade de controle, da biopolítica e do estado de exceção: eis a espada desembainhada do Senhor – exatamente no ano, 1968, em que as forças repressivas apelavam mais e mais à violência no país –, a espada desembainhada do Senhor sob a ótica do futuro autor de *O rei da terra* (1972) e *A trombeta do anjo vingador* (1977). As lamentações daltonianas – enunciadas enquanto excepcionais esculturas de mármore em sua obra normalmente cambiante, quer dizer, é dos seus poucos textos que, sob a forma de um lirismo violento, aparece mais cerrado estruturalmente, ao modo de salmo ou de canto e talvez por isso tenha sofrido menos variações nas versões posteriores –, estas terríveis e reveladoras lamentações contam duas breves páginas; transcrevo a primeira, com seu tom ao mesmo tempo arcaico e solene, cuja voz ecoaria anacronicamente aquela da peste propagada pelo poeta-violador de *O mez da grippe* de Valêncio Xavier:

#### Lamentações de Curitiba

A palavra do Senhor contra a cidade de Curitiba no dia de sua visitação:

Suave foi o jugo de Nabucodonosor, rei da [de] Babilônia, diante de Curitiba escarmentada sob a pata dos anjos do Senhor como laranja azeda que não se pode comer de azeda que é.

Ai, ai de Curitiba, o seu lugar não será achado daqui a uma hora.

Gemerei por Curitiba; sim, apregoarei por toda a Curitiba a nuvem que vem pelo céu, o grito dos recém-nascidos [infantes] a anuncia; porque o Senhor o disse.

A chuva de ais inundará a terra sem subir ao céu; e no céu verão as costas do Senhor; e no céu sem lua nem sol a tampa descida do céu.

No dia de suas aflições os vivos serão levados pela mão dos mortos para a morte horrível. Da cidade não ficará um garfo, aqui uma panela, ali uma xícara quebrada; ninguém informará onde era o túmulo de Maria Bueno.

O dia virá no meio do maior silêncio – com um guincho.

O que fugir do fogo não escapará da água, o que escapar da peste não fugirá da espada, mas o que escapar do fogo, da água, da peste e da espada, esse não fugirá de si mesmo e terá morte pior.

O relógio na praça Osório marca a hora parada no [do] dia de sua visitação.

Ó lambari de rabo vermelho do rio Ivo, passou o tempo assinalado.

Os abutres afiam seus bicos recurvos por causa do dia que vem perto. Escorrerá devagar o tempo como azeite derramado, eis a chaga da aproximação do dia. Cada um exhibe [na testa] o estigma da besta na testa; aqui há sabedoria.

O pânico virá num baile de domingo [de travestis] no Operário, no meio do riso; o riso não será riso, diz o Senhor, e as mulheres [as bicharocas] correrão para diante do espelho [desfilarão diante do] e não darão com sua imagem.

Diz o Senhor: Eis que Eu entrego esta cidade nas mãos de Baal e dos filhos com rabo de Baal, e tomá-la-ão.

Este é o povo que morreu de espada: cento e noventa mil e sete almas e mais uma; todas as almas perdidas numa hora e sem um só habitante.

A estátua do Marechal de Ferro madrugará com os olhos na nuca para não ver.



Os ipês da praça Tiradentes sacolejarão os enforcados como roupa secando no arame.  
(TREVISAN, 1968, p. 69-70)

Os enforcados, os inconfidentes, “o povo que morreu de espada”. O dia do Apocalipse em Curitiba digamos, portanto, que foi o 13 de dezembro de 1968. É a data do ato institucional nº 5, quando a junta militar decide apertar o cerco sobre aqueles considerados subversivos em geral e as liberdades políticas são suspensas durante quase uma década. No decorrer dos meses anteriores ao “ano que não terminou” – e ao que tudo indica segue sem terminar –, a polícia, as polícias de fato desembainharam as suas espadas com frequência, sobretudo nas ruas do Rio de Janeiro, quando o presidente Costa e Silva cede às pressões dos militares linha-dura a fim de abafar todo e qualquer foco de insurreição, inventando todo tipo de motivos para isso. Com o Exército nas ruas, o regime vinha reprimindo sobretudo os estudantes que se organizaram em passeatas de cem ou trezentos mil que resultaram, por sua vez, na mobilização de boa parte da classe média e de muitos artistas, escritores e intelectuais, os quais participariam ativamente das campanhas pelos direitos humanos e pela resistência diante da violência ditatorial. Entre eles, em sua militância jornalística como colunista político do *Jornal do Brasil*, Carlos Castelo Branco (alguém que, apesar de moderado, chegaria a ser censurado e preso), o qual, conforme mencionado acima, foi durante os anos 50 seu interlocutor constante, ajudando a forjar e a arranjar as *Novelas nada exemplares* (1959). Com seu título cheio de escárnio que remetia ao mesmo tempo à tradição literária universal, o livro é considerado a estreia oficial do escritor por ele próprio, estreia antecedida no entanto por muitos textos tão circunstâncias quanto fundamentais da sua juventude. Dalton Trevisan, por sinal, nos antípodas de um Julio Cortázar, por exemplo (que escreveu muito antes de publicar), viveu desde muito cedo a ânsia de ter seus textos circulando quase por qualquer meio, como o demonstram os livros projetados para 1941, quando aos 16 anos publica a antologia de sonetos dedicados a diversas mulheres intitulada *Visos*.

Mas, em sua “morte horrível”, “ninguém informará onde fica o túmulo de Maria Bueno”, boêmia errante (na expressão de Baudelaire), prostituta famosa da mitológica cidade de Dalton Trevisan. Tampouco se informará a respeito de sua irmã de ofício, Dinorá, nomeada em seguida na segunda parte do texto, e que, ao contrário da primeira mulher, dará título a um livro inteiro da década de 1990, quando surgem em sua obra as miscelâneas de relatos, poesia, cartas e crítica, textos sempre obsessivamente reescritos quando já está bem incorporado o minimalismo haicaísta que se tornaria característico de suas escrituras a partir dos anos 70. Seguem portanto as eternas lamentações, vale dizer, as maldições finais de Curitiba, a começar por aquelas dedicadas às “damas alegres da Dinorá”:

De assombro as damas alegres da Dinorá atearão fogo ao vestido [às vestes] gritando nas janelas o fim dos tempos.

No rio Belém serão tantos afogados que a cabeça de um encostará nos pés de outro, e onde a cachaça para todos os [mil e um] velórios? Os ratos de rabinhos satisfeitos sairão dos bueiros e roerão [de rabinho satisfeito hão de roer todo] o dinheiro do banco de Curitiba.

Para embainhar minha espada, diz o Senhor, os vinte e três necrófilos da cidade casarão em comunhão de bens com suas noivas desenterradas e vestidas de branco.

A filha de meu povo será um pátio do Asilo Nossa Senhora da Luz com seus urros e maldições. Muitos correrão para baixo [debaixo] da cama e cada um terá mais de uma morte: uma, a que escolher e a outra pela espada do Senhor, que já assobia no ar.

O rio Barigui se tingirá de vermelho mais que o Eufrates.

Um sino baterá no ouvido dos homens e eles se esborracharão como [feito] caqui maduro. As filhas vaidosas de sua cidade suspirarão. Chorarão lágrimas dos olhos [pedras de sangue] dizendo: Não existe dor como a minha dor. Depois hão de chorar os próprios olhos com dois buracos na cara.

Ai de Curitiba, perece o teu povo e se quebranta meu coração, porque é o dia da visitação, diz o Senhor. Da tua arrogância, dos teus tesouros, dos teus títulos [Dos teus lambrequins de ouro, das tuas cem figurinhas de bala Zequinha, do teu bebedouro de pangarés] a gente perguntará: Que fim levaram?

Dá uivos, ó rua 15, berra, ó Ponte Preta, uma espiga de milho debulhada é Curitiba: sabugo estéril.

O terror arrombará as portas, os macaquinhos do Passeio Público destelharão as casas, a cidade federá como a jaula de um chacal doente.

Onde estão os leões de pedra que guardam as casas de teus ricos e os tatus de rabo amarelo que guardam os teus [medrosos] leões?

Maldito o dia em que filho de homem te habitou; o dia em que se disse nasceu uma cidade não seja lembrado; por que não foste sempre um deserto, em vez de cercada de muros e outra vez sem um só habitante?

Ó Curitiba Curitiba Curitiba, estendes os braços perfumados de giesta pedindo tempo, quando não há tempo.

Ó Curitiba Curitiba Curitiba, escuta o grito do Senhor feito um martelo que enterra os pregos. Teu próprio nome será um provérbio, uma maldição, uma vergonha eterna.

Curitiba, o Senhor chamou o teu nome e como o de Faraó rei do Egito é apenas um som.

A espada veio sobre Curitiba, e Curitiba foi, não é mais.

Não tremas, ó cidadão de São José dos Pinhais, nem tu, pacato munícipe de Colombo, a besta baterá voo no degrau de tuas portas. Até aqui o juízo de Curitiba. (TREVISAN, 1968, p. 70-71)

A espada veio, então, sobre a cidade, que foi, não é mais. Diante disso, e seguindo o fio desta reflexão, Curitiba é uma morta-viva desde 1968. O que também se deveria dizer do Rio de Janeiro, que foi o epicentro das manifestações que levaram ao AI-5:

Na esquina das avenidas Presidente Vargas e Rio Branco, as duas colunas finalmente se encontraram, tendo à frente de uma delas os jovens padres Guy, Dario Nunes, Luciano Castello e João Batista, que ainda se impressiona ao relembrar a cena: “Nós ali embaixo, junto às patas, e os cavalos sapateando, agitados, como se estivessem drogados. Era aterrador”.

A ordem do major Neyson Auler Rebouças, que comandava o piquete de cavalaria, foi o sinal de que se estava entrando na zona do imprevisível.

– Desembainhar!

(VENTURA, 1988, p. 121)

Também ele um mineiro, o jornalista Zuenir Ventura descreve nesse momento de seu *1968, o ano que não terminou*, o enfrentamento entre a infantaria do exército e as centenas de pessoas que haviam participado da primeira missa de sétimo dia pela alma do estudante Édson Luis, morto no dia 28 de março pelas forças repressivas, na igreja da Candelária (com a igreja lotada de ateus). Os padres mencionados foram os responsáveis,

ao menos naquele dia, por evitar um banho de sangue. Mas, continua Ventura, “a iconografia daqueles tempos está cheia dessas chocantes imagens: cavalarianos de sabre na mão, ensandecidos, golpeando o povo imprensado contra as portas da Candelária” (VENTURA, 1988, p. 121).

### 3. DESASTRES

1968 é um número e um ano do calendário cristão. É também um ano de muitos acontecimentos alvissareiros e funestos – como todos os demais, se poderia dizer. No Brasil, no entanto e em particular, teve a Tropicália e teve o AI-5, teve o movimento performático-anarquista que se institui no entre-lugar das artes vestíveis e desvestíveis na década da ocupação de todo o território nacional, centímetro a centímetro, pela máquina de guerra uniformizante-hegemonizante da televisão, que foi no entanto inseparável do tropicalismo; teve o movimento das forças repressivas conservadoras que fecham as portas do congresso nacional à força, sem consultar ninguém senão as próprias forças armadas, ao enterrar a utopia comunista e as tendências socializantes com base tanto na violência das armas quanto na violência simbólica da mesma televisão em forma de permanente fantasmagoria de entretenimento e publicidade. Tomei, portanto, o motivo daquele ano, e da efeméride dos cinquenta anos neste não menos funesto 2018, como o disparador do presente texto dedicado à república – à coisa pública – de Curitiba na figura do escritor Dalton Trevisan.<sup>5</sup>

Escrituras do desastre, como dissemos, à maneira de Maurice Blanchot, já que se trata da dissipação e do desobramento que as caracterizam a partir de seu pensamento, e também do pensamento de Georges Bataille. A concepção de poesia deste último, de uma poesia-experiência alheia a ela enquanto gênero pertencente a uma tradição, por uma poética do instante da linguagem, implica a vida e a morte, o erotismo e a religião, o Bem e o Mal vistos não como opostos mas enquanto fusão e relação. De modo que a comunicação poética não se dá como comunicação mas antes como ausência, como morte-vida da poesia, uma vez que, segundo Bataille, “(...) sabemos todos que cada voz poética comporta em si mesma a sua impotência imediata, cada poema real morre ao mesmo tempo que nasce, e a morte é a própria condição de sua realização” (BATAILLE, 1976, p. 394)<sup>6</sup>. O que também se dá na leitura do *Bartleby, o escrevente* de Herman Melville por Maurice Blanchot:

A recusa, diz-se, é o primeiro grau da passividade – mas se ela é deliberada e voluntária, se ela exprime uma decisão, seja ela negativa, isso não permite ainda se destacar sobre o poder de consciência, restando, na melhor das hipóteses, um eu que recusa. É verdade que a recusa tende ao absoluto, a uma espécie de incondicional: é o nó da recusa que torna sensível o inexorável “eu preferiria não (fazer)” de Bartleby, o escritor, uma abstenção que não pôde

<sup>5</sup> Seu “outro”, o poeta Paulo Leminski, então completamente desconhecido para além de seu círculo de amigos provincianos, começa em 1968 a escrever o *Catatau*, o “romance-ideia” que aparece em edição independente em 1975, quando no mesmo ano – insistamos – Dalton Trevisan ganha a instigante tradução audiovisual de seu universo literário no filme *Guerra conjugal*. Ambos, cada qual a seu modo, vão protagonizar a cena artístico-literária do Paraná com influência e disseminação em todo país.

<sup>6</sup> Utilizo aqui tradução inédita de Fernando Scheibe, a quem agradeço.



ser decidida, que precede toda decisão e que é mais que uma denegação, é antes de tudo uma abdicação, a renúncia (jamais pronunciada, jamais esclarecida) a nada dizer – a autoridade de um dizer – ou ainda a abnegação recebida como o abandono do eu, a deserção da identidade, a recusa de si que não se ouriça sobre a recusa, mas abre à falência, à perda de ser, ao pensamento. “Eu não o farei” teria significado ainda uma determinação enérgica, chamando por uma contradição enérgica. “Eu preferiria não...” pertence ao infinito da paciência, não deixando refém à intervenção dialética: “nós caímos para fora do ser, para fora da letra, no campo do fora onde, imóveis, caminhando com passos iguais e lentos, vão e vêm os homens destruídos”. (BLANCHOT, 2015, p. 151)

Esta leitura, que vai da “recusa” de Bartleby até os homens destruídos do pós-guerra, pode ser lida por sua vez em Dalton Trevisan de ponta a ponta (e lá se vão quase cem anos de vida): recusa de escrever de modo fluente; recusa do romance-rio; recusa da cidade favelizada; recusa de figurar no mundo midiático como “celebridade” ou “formador de opinião”; e, de outra parte, obsessão de escrever o mínimo, sabotando a noção de tempo; recusa de escrever “sobre” os homens destruídos em nome da obsessão de escrever *os próprios homens destruídos*. E o meio de obtê-lo em forma literária é o de sua singular fusão de poesia e prosa, em que a prosa despojada e realística é sempre trabalhada em contraponto com a vertente do poema através de uma sintaxe que, estimulada pela cada vez mais extrema concisão, toca nas coisas mesmas, tomando o partido das próprias coisas: *le parti pris des choses* nos termos de Francis Ponge; estas escrituras, desde a juventude até a atualidade, tendo se desenrolado sempre de maneira fragmentária, em pequenos cadernos distribuídos de mão em mão ou em livros de grande circulação: trata-se invariavelmente de “ministórias”, desde os poemas adolescentes da época da Segunda Guerra Mundial até *O beijo na nuca* de 2014 (e o que mais vier).

Em um ensaio de Berta Waldman publicado em 2012 em edição especial do jornal *Cândido* dedicada à obra de Dalton, intitulado “No ventre do minotauro”, ela propõe precisamente a mesma ou muito semelhante relação entre poesia e prosa em suas escrituras do desastre:

(...) dizer que o conto de Dalton Trevisan esconde, desde sempre, uma estrutura poética, não significa edulcorar o que nele é ácido e amargo, uma vez que seu texto caminha na contramão do lirismo tradicional e instala-se num registro antilírico, oferecendo-se ao leitor como *flashes* do cotidiano em estado bruto. Talvez se possa pensar que o móvel do gesto de “reescrever”, para além das obsessões do autor de retomar o mesmo e dos sentidos estéticos que a repetição acarreta, esteja amparado no desejo de levar à exaustão o exercício da produção de efeitos que a repetição propicia, o que o conduz também a rerepresentar alguns de seus contos através da verticalização dos versos, acentuando ainda mais o minimalismo da forma. (WALDMAN, 2012, p. 7)

Waldman menciona então um relato em prosa reescrito em versos, algo frequente no *modus operandi* do escritor, buscando transgredir a fluência de uma narrativa coordenada e gramaticalmente correta em nome da máxima condensação possível, em busca do “miolo” mesmo da expressão verbal:

A condensação aqui é conseguida por subtrações, mas também pelo ajuste cada vez mais calibrado do episódio narrado ao seu miolo, fazendo-o coincidir com a sua expressão verbal. Assim, Trevisan procura fazer com que o que ele diz seja presença da coisa dita e não discurso

sobre a coisa. Por isso, nos seus melhores contos, o método é francamente poético, e não estranha que a literatura do autor exerça influência não só na prosa, como também na poesia brasileira contemporânea (...). (WALDMAN, 2012, p. 7)

Portanto, o escritor, cuja iniciação se deu como poeta que bebeu na tradição poética mais arcaica e rigorosa, com direito a rima e métrica, se torna com o tempo um detonador das formas poéticas “sublimes” ou “perfeitas” e passa a influenciar a poesia brasileira contemporânea a partir da matriz da destruição, ou seja, daquela que podemos conectar com a vertente do desobramento, da ausência de poesia no sentido de Bataille e de Blanchot. Parte viva e ativa nos desdobramentos filosófico-poéticos desta vertente, Giorgio Agamben, em *Ideia da prosa*, procura igualmente esgarçar, sob a forma de fragmentos, as escrituras e as poéticas do desastre através do mínimo e do silêncio. Refletindo sobre esta mesma relação singular entre poesia e prosa, vistas desde o início e para sempre como indecidíveis, Agamben destaca a poesia de Hölderlin e de Caproni para desembocar em um tipo de *between*, de entre-lugar que é também próprio do que faria Dalton Trevisan com a própria obra: ao sacudir as suas entranhas escritas para todos os lados através do procedimento da reescritura infinita, e da eterna reapropriação dos próprios textos em busca de novos sentidos, vai tornando-a mais seca e mais contundente, confundindo deliberadamente seus leitores e desafiando frontalmente o próprio cânone que o consagrou. Trata-se portanto sempre, em seu caso, da linguagem e da morte, que busca, com obsessão centenária, iludir, como escreve João Barrento no prefácio do livro de Agamben acima citado:

E que instrumento mais adequado para uma apreensão do que não se pode e não se deve esquecer do que a ‘medida mais breve’, a forma mínima que, armando o cerco às coisas, fazendo refulgir a Ideia, tornando visível a força da palavra em ação nos interstícios do silêncio, acede à Ideia da linguagem e aspira a iludir a Morte? (BARRENTO apud AGAMBEN, 1999, p. 16)

Pois os mortos-vivos seguem de fato iludindo a Morte e perturbando o mundo a partir do microcosmo de Curitiba, sejam eles os mortos Jamil Snege, Paulo Leminski, Wilson Bueno ou Valêncio Xavier, ou os vivos Dalton Trevisan, sob a forma dos desastres do amor do velho vampiro literário, e Luiz Inácio da Silva, sob a forma do martírio, do pão, do circo e do sangue. Vale dizer, sob a forma dos mistérios de Curitiba em pleno ano de 2018, cinquenta anos depois do ano que não terminou.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgia. *Ideia da prosa*. Trad. João Barrento. Lisboa: Cotovia, 1999.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- \_\_\_\_\_. La religion surréaliste (Conferência proferida no Club Maintenant em 24 de fevereiro de 1948). In: *Oeuvres complètes VII*. Paris: Gallimard, 1976.
- BLANCHOT, Maurice. *A escrita do desastre (fragmentos caídos de um texto ardente)*. Trad. João Rocha. *Em Tese* v. 21, n. 2, Belo Horizonte, maio-agosto 2015.
- LEMINSKI, Paulo. *Catatau*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Jesus a.C.* São Paulo: Brasiliense, 1984.
- TREVISAN, Dalton. *Desastres do amor*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

VENTURA, Zuenir. *1968, o ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

WALDMAN, Berta. No ventre do minotauro. *Cândido*. Jornal da Biblioteca Pública do Paraná, n. 11, Curitiba, junho 2012.

XAVIER, Valêncio. *O mez da gripe e outros livros*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

**Recebido em 10/04/2018. Aprovado em 10/06/2018**

**Title:** *Poetics of “República de Curitiba”, “sour orange”, “sterile corn cob”, “eternal shame”*: Sixty-Eight Dalton Trevisan

**Abstract:** *Beginning with the expression “República de Curitiba”, carved out by Luís Inácio Lula da Silva, who was arrested last april in the city of Curitiba and who figures as a character of this essay, I propose a reflection about the relation between literature and politics from the writer Dalton Trevisan’s works, who in 1968 published two books in one (Desastres do Amor and Mistérios de Curitiba) by Civilização Brasileira editor Ênio Silveira. Taking as its main object the text in a biblical profane mood dedicated to the destruction of the city that opens the second book, “Lamentações de Curitiba”, a relation is postulated between the unsheathed swords in the “Lamentações” and during the movement students rallies fifty years ago in Rio de Janeiro, with a high engagement of the intelectual class, that provoked the hardening of the militar regime in power since 1964. Dalton Trevisan’s tales are seen in the perspective of Blanchot’s writing of the disaster and according to Bataille’s notion of poetry as life-death together with the prose and poetry fusion read in Waldman’s and Agamben’s works.*

**Keywords:** *Dalton Trevisan. Curitiba. Luís Inácio Lula da Silva. Literature. Politics.*



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.